

Um pouco de otimismo

OSCAR BERNARDES



ESTADO DE SÃO PAULO

As últimas semanas têm se caracterizado por uma deterioração no grau de otimismo de vários setores da economia brasileira, principalmente o empresarial. É importante verificar que esse pessimismo está construído sobre a mesma realidade que já enfrentamos há muitos anos: falência do governo, empobrecimento da população, deterioração da infraestrutura, crise cambial, falta de investimentos privados, degradação da qualidade da educação, etc.

Não tínhamos encarado até agora essa realidade por estarmos sempre na expectativa de um novo marco na evolução política do País. Primeiro, a redemocratização. Depois, a nova Constituição. E, finalmente, uma eleição direta para presidente, fatos que, de alguma forma, resolveriam nossos problemas.

Após essas repetidas expectativas de "solução", estamos agora diante de um governo com vários anos de mandato a cumprir e um programa de ação ainda incompleto. Falta-nos uma nova "desculpa" para esperar por um evento que no curto prazo nos traga esperanças de soluções.

Pior ainda, estamos encontrando um governo que, pelo menos por enquanto, tem resistido à tentação de buscar bodes expiatórios, mantendo sua equipe econômica e frustrando outra de nossas expectativas permanentes — o novo Ministério. Isso não nos satisfaz. Queremos ver resultados rápidos e correções estruturais imediatas das distorções sobre as quais construímos nossa economia, durante várias décadas.

Será que estamos sendo realistas? Temos uma visão abrangente do desafio que é recuperar este país? Não pretendo aqui defender o governo Collor em todas as suas dimensões. Há muitas atitudes que me desgostam, como a incompetência na preparação do último plano, a aparente pouca preocupação com os níveis crescentes de desemprego e várias outras.

No entanto, é necessário também dar crédito a vários aspectos positivos do que vem sendo feito: a torneira para as estatais foi fecha-

da; a incorporação do Brasil ao mercado mundial se inicia; o processo de privatização está sendo levado a sério; reduções na administração pública direta estão ocorrendo; a desregulamentação caminha devagar, mas consistentemente; as "filiais estaduais" da Casa da Moeda foram, esperamos todos, fechadas; fontes de financiamentos no longo prazo estão sendo criadas; a preocupação com produtividade e competitividade está evoluindo do discurso para a ação; e há muitos outros exemplos.

Sem dúvida, falta ainda endereçar uma lista respeitável de desafios, incluindo saúde, energia, transporte, educação, dívida externa, imagem de corrupção. Mas existe o reconhecimento de que estes são desafios que precisam ser enfrentados. Portanto, não devemos julgar o que está sendo feito somente do ponto de vista do impacto direto em nossas empresas. O nosso universo tem sido uma "ilha da fantasia" dentro da realidade brasileira dos últimos anos. Agora, o desafio é voltarmos a ter bom desempenho, dentro de um contexto mais saudável da economia como um todo.

Cabe a pergunta: onde se encontra o otimismo? Sem dúvida os próximos anos serão dolorosos. Teremos altos e baixos, será difícil ganhar dinheiro e mais ainda evitar impostos.

O otimismo encontra-se em que, finalmente, estamos reconhecendo nossa realidade e tomando medidas concretas para corrigir uma série de distorções que, se não endereçadas, comprometerão nosso futuro no longo prazo. Este "otimismo no longo prazo" não significa que não deve haver também a preocupação com o curto prazo. Devemos sempre lembrar a piada do inglês, que decidiu ensinar seu cavalo a viver sem comer. Quando ele estava quase aprendendo, morreu!

Agora é hora de todos colaborarmos, continuando a ser críticos e oferecendo sugestões para melhoria onde necessário, mas também aplaudindo e apoiando o que está correto. Acima de tudo, temos de estar preparados a reconhecer o que é melhor para o País, mesmo que, no curto prazo, nos afete negativamente.

□ Oscar Bernardes, consultor, é vice-presidente da Câmara Americana de Comércio para o Brasil-São Paulo.